

# O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO IV Nº 15 VIANA-MA, FEVEREIRO DE 2007



VIANA  
250  
ANOS  
DE  
MEMÓRIA

## Editorial

### VIANA E SEUS 250 ANOS

Em 8 de julho de 1757 a Aldeia de Nossa Senhora da Conceição do Maracu foi elevada à categoria de vila, com a nome de Viana, em solenidade que contou com a presença do governador Gonçalo Pereira de Sousa e muitas outras autoridades.

Estamos, portanto, neste ano de 2007, comemorando 250 anos daquele evento histórico. É uma data significativa que não pode ser desconhecida nem passada em branco. Toda sociedade precisa cultuar sua história sob pena de perder sua identidade, sua memória. Triste de um povo que não tem memória.

Para bem comemorar seus 250 anos de existência, Viana precisa ser repensada, avaliada e amada pelos seus filhos. Não basta orgulhar-se do seu torrão natal, mas precisa-se de compromisso com seu futuro melhor. "Não pergunte o que o seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer por seu país". Todos conhecem essa famosa frase de John Kennedy. Ela encerra, em si, esse estado de espírito que nossa cidade reclama de cada vianense neste momento. O que podemos fazer por Viana? A soma de cada contribuição individual provocará efeitos positivos na superação dos nossos problemas.

Não basta só contemplar seu lago e suas belezas naturais; não basta exaltá-la em músicas, em toadas; não basta dizer que sua cidade é uma das mais antigas do estado. O que Viana precisa é de uma administração que a impulse para o progresso, de cidadãos que se empenhem em criticar e fazer, sobretudo fazer.

Somos testemunhas da destruição do nosso patrimônio histórico e pouco fizemos até agora para conservar o que restou. Vivemos aspirando um projeto que recupere o prestígio da nossa cidade e nada se vê de concreto nessa direção.

A fundação de uma Academia de Letras teve uma repercussão positiva em todo o Estado como um chamamento de atenção de que aqui ainda têm pessoas preocupadas com a preservação da nossa cultura. Mas não basta isso. Precisamos que o cidadão vianense, o estudante vianense ajude a elevar nossa Academia como uma casa de pensamento e de pesquisa. Precisamos ter uma sede própria para servir de centro de referência e de estudo para os jovens estudantes.

Como estamos falando de história, não podemos deixar de assinalar dois fatos históricos ocorridos neste início de ano. O primeiro, de triste registro, foi o falecimento da Professora Josefina Cordeiro Cutrim, cujo idealismo e dedicação, contribuiu para o aprimoramento do ensino, em Viana, e a formação intelectual de uma geração de vianenses. O outro acontecimento, que nos enleva de muita satisfação, foi a comemoração dos 90 anos de idade do estimado Padre Eider Furtado da Silva, nossa enciclopédia de história vianense.

Nestes 250 anos de fundação da Vila de Viana estas duas personalidades, em circunstâncias diferentes, merecem nossa homenagem e nossa distinção. Ao longo de suas vidas souberam fazer alguma coisa por nossa terra.

## IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO

Outrora localizada onde hoje se situa o prédio da Escola Normal, a Igreja de São Sebastião, como um dos principais templos religiosos da cidade, durante muitas décadas, foi um espaço de encontro e celebrações da comunidade católica vianense. Ali era realizada, no mês de janeiro, a festa em homenagem ao santo mártir, tradicionalmente incorporada ao calendário festivo local da época.

Apresentando uma arquitetura tipicamente barroca, como era comum no período colonial, a igreja possuía mais da metade de sua fachada frontal recoberta de autênticos azulejos portugueses, nos quais se destacava a "cruz de malta" em fundo de cor amarela. Um valiosíssimo monumento histórico que, hoje, caso ainda existisse, certamente seria motivo de orgulho dos vianenses e alvo de admiração por parte de todos que visitassem a cidade.

Na ausência de registro oficial, como quase tudo em Viana, torna-se difícil precisar a data de sua construção, mas estima-se que quando foi demolida, no verão de 1962, a igreja já contasse mais de um século de existência. Sobre este ponto, é importante esclarecer e corrigir um grave equívoco, atualmente difundido no seio da população, que é o de atribuir a demolição da referida igreja a Dom Hamleto de Angellis.

**A demolição** – Na verdade, o pequeno templo foi demolido com a aprovação dos paroquianos e do então Pároco de Viana, sob a iniciativa do Sr. Heitor Piedade (o famoso Seu Gegê), encarregado da manutenção do prédio e organizador dos festejos de São Sebastião. Tal decisão foi tomada em virtude da precária situação física da igreja, que apresentava rachaduras em algumas de suas paredes. Por esse motivo, inclusive, já não houve a realização da tradicional festa em janeiro de 1961. No inverno de 1962, depois de uma noite de chuvas torrenciais que vararam a madrugada, por volta das 10 horas da manhã, uma das paredes da sacristia veio abaixo, causando um ruído estrondoso e assustando toda a vizinhança.

Assim, no intuito de evitar um acidente mai-

### Memória



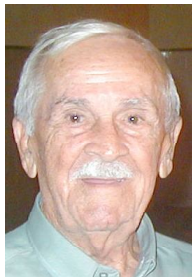
or (na época não se falava sobre a importância da preservação do patrimônio histórico de uma coletividade), foi tomada a triste decisão de pôr o prédio abaixo tão logo cessasse o período das chuvas, o que aconteceu em setembro/outubro de 1962.

**A construção da Escola Normal** – Quando D. Hamleto chegou em Viana, em agosto de 1963, encontrou apenas um montão de tijolos, no meio da praça, quase encoberto do antigo cruzeiro. Como a criação de um curso normal era um antigo anseio dos vianenses, o bispo apenas deu a idéia de construir no local, ao invés de uma nova igreja em homenagem ao santo, o prédio para sediar a Escola Normal Nossa Senhora da Conceição, cuja construção iniciou-se no 2º semestre de 1966. Talvez por esse motivo passou-se, erroneamente, para a memória coletiva, que a destruição do templo tenha sido obra do 1º bispo da Diocese de Viana.

Neste ano de comemoração dos dois séculos e meio da fundação da cidade, quando mais do que nunca tentamos resgatar nossa verdadeira história, é missão da AVL elucidar os fatos, a fim de evitar-se distorções que comprometam a veracidade das informações transmitidas às novas gerações.

### PADRE EIDER: 90 ANOS (1917 – 2007)

#### Uma vida a serviço da comunidade



Já dissemos aqui que a vida do Padre Eider Furtado Silva se confunde com a história da religiosidade do povo vianense. Na verdade, Viana foi presenteada com o nascimento do filho da D. Cotinha que, um dia, num passado distante, chegou a esta cidade, vindo do Barro Vermelho, para continuar os estudos na companhia da irmã mais velha, a professora normalista Edith Nair.

Certamente, ao decidir-se pelo sacerdócio, o jovem Eider jamais poderia imaginar as boas e inúmeras realizações, as provações constantes, as grandes alegrias e, principalmente, o amargor das horas difíceis que aquela opção lhe reservaria no futuro.

Mas o tempo passou, a verdade triunfou e – o mais importante – ele continua de pé, firme e quase inabalável, apesar dos pesares e de seus 90 anos de existência. Dono de uma memória preciosa que retém capítulos significativos da história da cidade, Padre Eider, com a simplicidade que lhe é peculiar, surpreende e cativa mesmo àqueles que não o conhecem de longas datas, aumentando assim, a cada dia, o seu número de amigos e admiradores.

Alvo de uma singela, mas calorosa e sincera homenagem, Padre Eider teve uma missa celebrada por D. Xavier, na tarde do dia 27 de janeiro último (sábado), quando ouviu, do atual bispo de Viana, uma bonita homilia que destacava seu exemplo e trabalho em prol desta diocese. Depois de prestar também seu próprio testemunho, ao final do ato religioso, Padre Eider seguiu para sua residência, acompanhado por um pequeno grupo de amigos, quando então teve direito ao tradicional "Parabéns pra você", regado a bolo, guaraná Jesus e champanhe.

Nós, que fazemos a Academia Vianense de Letras, também demonstramos nossa alegria e o orgulho em termos esse homem de Deus ao nosso lado, dignificando com sua presença e apoio este nosso trabalho de resgate da cultura e da história de Viana.

Parabéns, Padre Eider, e obrigado por sua existência!

### CURSO DE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO

Como parte das comemorações do 250º aniversário da cidade, a AVL estará ministrando um curso sobre História do Município, dirigido aos professores do ensino médio e fundamental, no último final de semana do mês de maio vindouro (dias 24, 25 e 26).

Com carga horária de 15 horas, o curso, que dará direito a certificado, será ministrado pelos acadêmicos Lourival Serejo, João Mendonça Cordeiro e Luiz Alexandre Raposo. Durante a aula inaugural, na noite do dia 24 (quinta-feira), acontecerá o oportuno lançamento do livro "Da Aldeia de Maracu à Vila de Viana", do escritor Lourival Serejo.

Esta iniciativa vem tentar suprir uma carência, detectada entre os professores vianenses, de conhecimentos específicos sobre a história e importância de Viana no cenário político-econômico do Maranhão.

Para maiores informações, os interessados deverão procurar as Secretarias de Educação do Município e do Estado, através das professoras Adriana Guimarães e Maria da Conceição Angelim.

# JOSEFINA CORDEIRO CUTRIM

07/12/1935 – 18/01/2007



A jovem Josefina Cordeiro, em 1965, quando aluna do Colégio Santa Tereza, em São Luís.

## A ATRIZ, A FOTÓGRAFA, A PROFESSORA

Luiz Alexandre Raposo

Quando jovem, ela era católica praticante como quase todas as moças de família dos anos 50. Salvo engano, participou da irmandade das “Filhas de Maria” e era figura singular entre a juventude de sua época. Também teve oportunidade de mostrar seus dotes artísticos, como uma das atrizes do corpo de teatro de D. Anica Ramos.

Menino ainda, mas já atento às manifestações artísticas, impressionou-me particularmente sua atuação magistral no papel de uma escrava cristã que enfrentava a perseguição e o assédio de Pôncio Pilatos, em defesa de sua fé e de sua virgindade. Quem teve, como eu, o privilégio de vê-la atuando no palco, certamente não esqueceu de sua performance, ao lado dos colegas Antonio Azevedo Gomes (Puxa), Emira Cordeiro, Vilma Reis, Nonato de Diosne e outros. Naquele início dos anos 60, o pequeno teatro de D. Anica lotou nos dois finais de semana em que a peça “O Anjo Protetor” foi exibida. Além de jovem e bonita, Josefina dominava a técnica de empostação de voz, tão necessária à dramaturgia. Sem dúvida, esses atributos lhe auxiliariam a encarnar perfeitamente o papel da heroína que preferia ser atirada às feras (como faziam com os cristãos primitivos) a renegar o amor a Jesus Cristo.

Talvez poucos se recordem, mas seu talento não parava por aí. Josefina também foi fotógrafa, possuindo um pequeno estúdio (com tripé) e revelando ela mesma os filmes em preto e branco, num laboratório improvisado em casa de seus pais, na esquina da 7 de Setembro com a Coronel Campelo, onde residiu por longos anos. Fascinado igualmente pela fotografia desde tenra idade, não preciso comentar aqui a admiração que ela me instigava todas as vezes que a via passar portando sua câmera fotográfica (daquelas de modelo antigo, que precisava ser encostada na barriga, na altura do umbigo, para se poder focalizar o alvo a ser fotografado).

A despeito de tantos dotes, sua atuação marcante no seio da sociedade vianense, sem dúvida, ficou por conta do magistério. Josefina já havia concluído o curso primário há algum tempo, quando o Ginásio Professor Antônio Lopes foi criado em

1961. Sem perda de tempo, ela se submeteu ao exame de seleção, integrando assim a 1ª turma a ingressar e concluir, quatro anos depois, o curso ginásial, naquele estabelecimento de ensino. Estimulada por novos ideais, no ano seguinte (1965), ela chegava a São Luís a fim de continuar os estudos, matriculando-se no curso normal do Colégio Santa Tereza. Os três anos seguintes passaram-se rápidos e, ao contrário da grande maioria de seus colegas vianenses que preferiram alçar vôos mais altos, ela retornou à cidade, em 1968, com o diploma de professora normalista. Aos 31 anos, Josefina Cordeiro estava decidida a trabalhar pela educação de seus conterrâneos, mas com certeza deve ter pesado na decisão de regressar à terra natal, o fato de namorar o comerciante e então jovem atleta do futebol vianense, Vavá (Juarez Mendonça Cutrim).

Dessa maneira, cursando a 3ª série ginásial, pude me beneficiar ao mesmo tempo em que descobria outro talento dessa mulher carismática. Apesar dos parcos estudos (se levarmos em conta, hoje, os critérios dos mestrados, doutorados e cursos de pós-graduação), Josefina era aplicada e esmerada no ensino do português. Sabia prender a atenção dos alunos e estimular o aprendizado. Que o digam todos aqueles que se seguiram à minha geração. Tanto é, que a turma de concludentes do Ginásio Antônio Lopes de 1969 (da qual fiz parte) resolveu homenageá-la, intitulando-se “Turma Professora Josefina Cordeiro”.

No início de 1970, parti de Viana também para continuar os estudos. Mas, mesmo à distância, tinha notícias esporádicas da ex-professora. Soube de seu casamento com Vavá, do período na direção do velho Antônio Lopes, sua passagem pelo Ginásio Bandeirantes, sua aposentadoria etc. Ainda tive oportunidade de conversar pessoalmente com Zefina (como era mais conhecida) antes que essa terrível doença degenerativa começasse a se manifestar. Depois a vi calada e distante, já apresentando evidentes sinais de decadência física e intelectual.

Josefina foi, como se diz atualmente, uma mulher guerreira. Cumpru sua missão aqui na terra, pois soube lutar por seus objetivos. Que ela descanse em paz. Se acaso deixou pequenas mágoas e decepções para alguns (quem de nós está imune disso?), para muitos outros escreveu uma história singela e bonita de vida e de dedicado amor ao trabalho.



Em foto tirada por Dr. José Pereira Gomes, a Professora Josefina Cordeiro, no pátio interno do então Ginásio Antônio Lopes, rodeada por alguns de seus alunos, integrantes da turma de concludentes de 1969. Da esquerda p/a direita: Raimundo Perna Mendonça - Dodô (falecido), Dulce Nascimento, Florimar Rabelo, Cleide Penha Nunes, Cilda Pereira de Freitas, Luís Antonio Brito, Iolanda Brito Silva, João Vianey Mendonça, Edmilsom Cutrim e o futuro presidente da AVL, Luiz Alexandre Raposo



A senhora Josefina Cordeiro Cutrim em foto recente.

## A BANDEIRANTE DO SABER

Joaquim de Oliveira Gomes

A vida é um constante ir e vir, basta olharmos para a natureza que teremos a sua confirmação. As estações vão e voltam numa alternância equilibrada e esperada. Assim, também, acontece com o homem, chega e parte, movido por sentimentos de alegrias e tristezas. E, é sobre a partida de Josefina Cordeiro Cutrim que gostaria de deixar registradas, nesta crônica-de-saudades, algumas lembranças, como se quisesse aprisionar o tempo e deixar vivo um pedaço da minha história, e da sua história, que é marca de coletividade, pela vida que dedicou à educação.

Saudade! Foi com esse sentimento que recebi, no meu apartamento, a notícia do seu falecimento, ainda no começo de uma tarde ensolarada com muitos ventos. Meus olhos – como acontece neste momento, denunciaram a saudade pela perda de uma pessoa admirada e querida. A Professora Zefina, ou simplesmente Dona Zefina, marcou várias gerações em Viana, com o seu jeito de ser e de comandar as escolas por onde trabalhou. Lembro-me, ainda muito jovem, da preocupação e da angústia de seus alunos em aprender a língua portuguesa, pois a pro-

fessora Zefina não deixava nada “passar em branco”. Já no exercício da função de diretora do antigo Colégio Bandeirantes, imprimia uma rotina pautada no respeito hierárquico, na responsabilidade e no cumprimento das obrigações, que se estendiam da portaria até a sala de aula. Espirituosa, transformava o ambiente em que chegava, com um olhar crítico e cheio de humor, aliás, uma marca constante em sua vida.

Com a professora Zefina, pude desfrutar de vários momentos que se sucederam do ambiente escolar, como aluno em sala de aula, passando pela gestora das escolas que estudei, até o velho Antônio Lopes.

Era comum, em nossa casa, ouvi-la, mesmo que de passagem, caminhando apressadamente, em conversa com papai, a quem, carinhosamente, chamava de Meu Padrinho, por extensão a Vavá, seu esposo, seu afilhado de batismo. Mais tarde, já gozando de uma certa liberdade com ela, brincamos vários carnavais, cujas lembranças retomam outras pessoas queridas como Manoel Dominice e Dodô, Seu Catu e Iracema, Chico Gomes e Vilma, Carrinho do Vinagre e D. Dinalva, além da ala mais jovem composta por Edna Sousa, Shirley, Adiel, Zânia, Laura, João Watson, Benê, Chiquinho e Laurita.

As histórias são muitas. Professora Zefina costumava visitar as salas de aula, para “encaminhar” os alunos aos barbeiros. Chegava dizendo em bom tom e com o rigor que a sentença exigia: Barbeiro tem família! Amanhã ninguém entra de cabelo comprido, ouviu seu Eleno Jorge, Seu Joaquim, Seu Wellington, Seu Antonio Carlos (Portela), Seu Raimundo Nonato (Seu Nato de João Gouveia) e assim ia nomeando os alunos de sala em sala. E, no dia seguinte, geralmente à tarde, eram comuns as filas nas barbearias de Bacaba e de Carrinho, onde os olhares e sorrisos dos alunos comungavam da mesma expressão: Professora Zefina é fogo! Enquanto os barbeiros sorriam festejando o movimento providencial.

Espirituosa e cheia de humor, andava ligeiro e, quando era abordada por alguém, fora do colégio que dirigia, dava a resposta sem “perder a pisada”. Se alguém reclamava que ela não parava, retrucava sorrindo, “não posso parar, tenho mais de trezentos filhos me esperando”, o que se transformava em brincadeira, pois ela não tivera filhos.

Uma mulher inteligente e profunda conhecedora da língua portuguesa, primava por uma fala correta e reprendia seus alunos quando “es-corregavam no português”. Com os ignorantes, sabia apreciar o vocabulário sem perder as nuances da língua, fazendo dos es-corregões moções para se adequar a muitas outras conversas alegres.

Professora Zefina viveu um tempo de glórias na pequena cidade de Viana e soube construir uma nova história no fazer pedagógico, cujo alcance se concretiza na presença de seus ex-alunos, hoje colocados nas mais diversas áreas do conhecimento. Viana agradece o seu empenho e esforço, professora Zefina. O tempo tem se encarregado de mostrar os resultados. Aqui fica minha eterna saudade, lembrando-a de maneira feliz e prazerosa. Obrigado, professora Zefina, por esse convívio prazeroso. Pax ad eternum!

# UM ACADÊMICO, UM PATRONO

## CARLOS NINA EVERTON CUTRIM

### O músico e poeta que abraçou a carreira jurídica

**Luiz Alexandre Raposo**

Ele também não foge à regra dos jovens vianenses de seu tempo. Nascido em 01/06/1943, depois de concluir o curso primário no Colégio Estevam Carvalho, enveredou pelo caminho da música e especializou-se como trombonista, sob a orientação do famoso maestro Luís Lima. Tocou ainda algumas vezes na Banda de São Benedito, mas de 1962 a 1969 fez parte, efetivamente, do conjunto liderado pelo violinista Zé Hemetério, ao lado dos companheiros Antonio Neves e Nonato Travassos.

Assim seria o despertar, em Viana, para a vida e o trabalho, do jovem Carlos Nina, 5º filho do casal Pedro Abreu Cutrim e Benedita Everton Cutrim. Dessa época da adolescência e juventude – da qual as lembranças alegres das aventuras, brincadeiras e namoros misturam-se às árduas e desgastantes viagens a trabalho, como músico, pelos povoados e cidades vizinhas – restaram-lhe a experiência e disposição para enfrentar desafios, qualidades decisivas para a maturidade e valoração do nível hoje alcançado.

Em 1966, aos 23 anos, recebendo o incentivo do célebre professor Luís Carlos Pereira, no mesmo ano em que contraia nupcias com a jovem penalvense Maria da Graça Rodrigues Marques, Carlos Nina decidiu continuar os estudos, paralisados por vários anos, ingressando no Ginásio Professor Antônio Lopes. Em 1970, depois de concluir o ginásial, ao lado da esposa, mudou-se para a capital, ingressando no curso de contabilidade do extinto Colégio de São Luís. Depois viriam o curso de Geografia (cursado até o 4º período) e o curso de Direito, pela UFMA, iniciado no 2º semestre de 1973 e concluído em 1978. Durante dois anos, para sobreviver, Carlos Nina valeu-se da profissão de músico,



chegando a integrar o “Som Livre” e “os Fantoques”, ambos conjuntos musicais de sucesso em São Luís, na década de 1970. Paralelamente, para incrementar os rendimentos, também exercia a profissão de relojoeiro, ofício aprendido ainda em Viana.

Mais tarde, o então acadêmico de Direito passaria a ministrar aulas de *Moral e Cívica*

no Colégio Municipal Luís Viana e *Geografia* no Colégio de São Luís. Em 1979 prestou concurso para o Ministério Público estadual, sendo nomeado em maio do ano seguinte como Promotor de Justiça. Nessa qualidade, prestou serviços em várias cidades do Estado, como Humberto de Campos, Pindaré-Mirim, Chapadinha, Imperatriz, Pedreiras,

Bacabal e finalmente, São Luís.

Em 1996, aos 53 anos, foi promovido a Procurador de Justiça, cargo que exerce até a data atual, somente interrompido no período de 2003/2005, quando assumiu o cargo de Gerente de Justiça e Cidadania do Governo do Estado. No mesmo ano em que retomava o cargo original, Carlos Nina foi eleito e nomeado Ouvidor-Geral do Ministério Público do Maranhão.

Pai de duas filhas, Lana Cristina e Liana Cristina, e já avô de Gabriel, o ex-músico vianense tem várias composições de sua autoria, como *Viana Antiga* (marcha-rancho), *Viana Tropical* (samba), *Pracinha* (choro), *O dia em que te conheci* (valsa), destacando-se entre estas o conhecidíssimo samba *Adeus, Viana*, pérola de nossa musicografia já registrada em CD e até hoje executado e cantado nos carnavais vianenses.

Carlos Nina Everton Cutrim, que ocupa a Cadeira de nº 6 da Academia Vianense de Letras, cujo patrono é o maestro Temístocles Lima, também se prepara para lançar, em breve, dois livros: um de poesias e outro de casos e memórias vianenses.

## FARAÍLDES CAMPELO SILVA

### A 1ª professora normalista vianense

**Luiz Alexandre Raposo**

Filha mais velha do casal Raimundo Marcelino Campelo (o famoso Coronel Campelo que empresta seu nome a uma das principais ruas desta cidade) e Olívia Rosa Garcia Campelo, Faraíldes Campelo nasceu em Viana no dia 8 de janeiro de 1896.

Demonstrando desde cedo vocação para o magistério, depois de concluir o curso primário na extinta Escola Mista Estadual, aos 15 anos, em 27/11/1911 (o diploma foi assinado pela célebre professora Amélia Carvalho), a jovem foi encaminhada para São Luís, sendo matriculada no curso normal do tradicional Liceu Maranhense, onde seria aluna de renomados mestres maranhenses, entre eles o jornalista e escritor Jerônimo de Viveiros.

Ao se formar, exatos cinco anos depois, em 27/11/1916, Faraíldes, aos 21 anos, tornar-se-ia a primeira vianense a conquistar o grau de professora normalista e, por conta desse feito, logo contratada pelo Estado para lecionar em sua cidade natal, como professora de classe “A”, na mesma escola onde havia estudado (cujo prédio situava-se nas imediações da atual sede da Câmara Municipal, próximo ao Canto do Galo).

Muito prendada, como era costume entre as moças de sua época, Faraíldes sabia fazer bordados à máquina (era o seu passatempo preferido), dominava o crochê e ainda tocava flauta. Leitora contumaz, ela estava sempre à procura de um novo livro para ampliar os conhecimentos ou simplesmente distrair-se. Na culinária também angariava elogios,

principalmente na sua especialidade que eram os doces, bolos e manúes.

No ano seguinte, em 28 de julho de 1917, a jovem normalista casou-se com Zeferino Silva Filho, que exercia o cargo de Coletor Federal na cidade, nascendo dessa união uma prole de oito filhos, a saber: Suzete, Mayron, Everaldo (falecido), Maria do Socorro, Mirthes (falecida), José de Ribamar, Aliete e Maria Tereza.

Mulher calma e simples, Faraíldes saberia conciliar perfeitamente os deveres de mãe e dona de casa com a profissão abraçada. Ao contrário do marido que era festeiro, ela não freqüentava bailes nem gostava de carnaval. Também não era chegada a maquiagem e dificilmente usava batom. Duas de suas filhas, Maria do Socorro e Aliete (hoje com 84 e 80 anos, respectivamente) a definem como uma pessoa desprovida de vaidades, mas muito carinhosa e amiga de todos: *Ela sabia conquistar a simpatia e o respeito não somente da coletividade em geral como em especial das colegas de profissão, Benedita Balby, Zeila Cunha e Edith Nair Furtado Silva. Esta última costumava passar tardes inteiras lá em casa, em conversas animadas com mamãe, re-*



cordam.

Seu ex-aluno, o Procurador de Justiça aposentado e membro da AVL, José Pereira Gomes, também dá seu depoimento sobre a figura da ex-mestra: *Ela era dinâmica e dona de uma personalidade marcante. Trazia sempre um meio sorriso nos lábios em sala de aula, mas também não dispensava uma régua debaixo do braço para corrigir, se necessário, com uma “reguadazinha”, os*

*alunos mais indisciplinados.*

A professora Faraíldes participou da fundação do mais antigo estabelecimento de ensino vianense, ainda em funcionamento, o então Grupo Escolar Estevam Carvalho, ocorrida no dia 20 de fevereiro de 1934, tornando-se assim sua primeira diretora. Gerações e mais gerações de vianenses passariam pelas mãos da competente professora normalista ao longo de mais de 30 anos de dedicação ao magistério. Após sua aposentadoria ainda continuou residindo em Viana por alguns anos até

mudar-se, em 1956, com toda a família para São Luís.

Em julho de 1967, em cerimônia festiva realizada na Igreja do Carmo, prestigiada por todos os filhos, genros, noras e netos, o casal Zeferino e Faraíldes comemorava suas “Bodas de Ouro”. No final desse mesmo ano, entretanto, ao submeter-se a uma complicada cirurgia no Rio de Janeiro, Zeferino Silva faleceria, deixando viúva a veterana professora.

Nas duas últimas décadas de vida, Faraíldes Campelo Silva esteve cercada pelo carinho dos filhos e netos. Devota fiel de Santa Terezinha do Menino Jesus e de São José, ela gostava de colecionar livros de oração. Era fã de Roberto Carlos, mas sua música preferida era “Fascinação”, que costumava cantarolar baixinho enquanto executava pequenas tarefas domésticas.

Aos 88 anos, sofrendo com as debilidades próprias da idade, agravadas por um AVC, a ex-professora faleceu no dia 24 de agosto de 1984, sendo sepultada no Parque da Saudade, em São Luís.

O exemplo de vida e de dedicação ao magistério vianense da professora Faraíldes Campelo Silva lhe fizeram merecedora de tornar-se patrona da Cadeira de nº 21 da Academia Vianense de Letras (cuja titular é a também professora Vitória Santos), numa homenagem póstuma de reconhecida gratidão de todos os seus conterrâneos.

## O RENASCER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459  
Viana - MA CEP: 65.215-000



# ANTIGOS CARNAVAIS

Período de  
1934 a 1944

Aristides Simas Coelho de Sousa

Naqueles tempos, com alguma antecedência, os principais comerciantes vianenses procuravam uma casa de cômodos amplos, tipo morada inteira, para alugar durante o período do carnaval. Conseguindo o imóvel, depois de providenciada sua limpeza e, às vezes, até uma nova pintura, o prédio era decorado com motivos carnavalescos, a fim de que os quatro dias do reinado de Momo pudessem ser vivenciados com toda a alegria que as festas exigiam.

Durante o carnaval, a cidade de Viana ficava bastante movimentada, pois centenas de pessoas se deslocavam de muitos povoados do município, principalmente de Matinha e Barro Vermelho (atual Cajari) ou mesmo de outras cidades vizinhas em busca de melhor diversão.

Vários anos, na falta de uma casa apropriada para alugar, os bailes carnavalescos eram realizados na sede da Prefeitura Municipal. Por ser amplo e muito bem localizado, era este o local preferido pela sociedade vianense da época para os festejos de Momo.

Até o final da década de 30, ainda não haviam surgido os blocos organizados. Cada um se fantasiava a seu modo e de acordo com suas posses para brincar o carnaval. Os mais abastados variavam de fantasia, enquanto os mais pobres se divertiam com a mesma, geralmente fofões, e quase sempre mascarados. O importante mesmo era a alegria que contagiava toda a população.

Os bailes, abrilhantados pelas excelentes orquestras de João Araújo e Temístocles Lima, eram prestigiados pela nata da sociedade local. As pessoas se trajavam decentemente e primavam pela boa educação. Apesar do uso de bebidas alcoólicas pela ala masculina, dificilmente ocorria alguma briga ou confusão que pudesse paralisar as festas.

Convém ressaltar, porém, a forte segregação racial outrora existente no seio da coletividade vianense. Assim, para uma ainda diminuta população, eram realizados bailes distintos e especificamente destinados a brancos, caboclinhos e mulatinhos (negros). Pequenas orquestras para isso não faltavam, já que existiam músicos de sobra na cidade. Havia também o baile das prostitutas, popularmente conhecido como "baile das inocentes".

Lembro-me que, certa vez, encontravam-se em Viana o dono da lancha "Afi-fe", Dr. Sauáia e seu colega, Dr. José Oliveira, ambos advogados militantes na capital. Os dois se dirigiram ao prédio da Prefeitura com o intuito de participarem do baile que lá acontecia, mas os promotores da festa só permitiram a entrada do primeiro, barrando o segundo por ser mulato. O Dr. Sauáia, porém, não permitiu que o colega passasse pelo vexame sozinho, retornando os dois para a casa onde estavam hospedados.

O tempo passou e muita coisa mudou não somente em Viana como em toda a sociedade brasileira. Preconceitos sem sentido foram abolidos, felizmente. Pena que também tenham sido abolidas muitas tradições bonitas do carnaval vianense, como os famosos "assaltos", as batalhas de confetes e serpentinas, os lança-perfumes e até mesmo a bênção das cinzas, na quarta-feira (Padre Manoel Arouche exigia o comparecimento, à Igreja, de todos os seus paroquianos).

Como testemunha desse período, posso afirmar que aqueles carnavais possuíam um glamour e um colorido especiais que me proporcionaram momentos felizes e inesquecíveis na minha juventude. Dancei e brinquei em festas memoráveis, as quais se transformariam em belas recordações daqueles tempos saudosos.

Nunca esqueci, por exemplo, de uma marcha muito cantada pelos foliões do carnaval de 1938, que se iniciava assim:

*Carnaval de 38  
Vai ser um colosso  
P'ra desabafar...  
Já estamos prontos,  
P'ra brincar e pular  
Até o sol raiar, olé, olá...*



**Década de 1940: o bloco feminino "Conte comigo" ao lado da "Fuzarca" masculina. De pé da esquerda p/ a direita): Belinha, Aliete Campelo Silva, Iaiá e Aida Pereira, Gracinha Muniz, Enide Oliveira, Maria do Socorro Araújo, Celeste Carvalho, Zizi Gomes e Neide Muniz; ainda de pé as meninas: Maria Tereza Campelo Silva, Ana Maria Gomes e Lizete; sentadas na calçada: Rosa Amã Farias, Francisca Muniz, Maria do Socorro Campelo Silva e Manuelita; ala masculina: José Antonio Pereira, os irmãos José e Daniel Ramos, João Furtado da Silva, Costinha, José Campelo Silva, Joaquim Gomes e outros.**



**De pé da esquerda p/ a direita): Maria de Jesus Piedade, Maria do Socorro Silva Coelho, Luiza Gomes, Maria da Graça Ligeiro, Aliete Campelo Silva, Francisca Santos (futura senhora Lino Lopes), Maria do Socorro Araújo e Maria de Lourdes Coelho. Agachados: Jaspe, Carlos Mendonça, Everaldo Campelo Silva, Joaquim Gomes, Walber Gomes, Tolentino, Dico Perna, entre outros (no canto direito, o garoto Zezinho Piedade).**

Período de  
1955 a 1965

Carlos Nina Everton Cutrim

O carnaval, em Viana, sempre foi muito animado e possuía características próprias que lhe conferiam destaque, entre os demais realizados pelas cidades do interior maranhense.

Naqueles anos, o mês de dezembro era saudado com muita alegria com a chegada do Natal e, logo após, o período pré-carnavalesco, animado por um formidável elenco de marchinhas e sambas que, tocados exaustivamente pelas rádios, permitiam às pessoas a memorização das letras e melodias daquelas que mais se adequavam ao gosto popular. Colaboravam também para a divulgação de tais músicas as Associações Brasileiras de Compositores e de entidades afins que publicavam as partituras e letras nos chamados "álbuns", os quais eram distribuídos para os sindicatos dos músicos e também colocados à venda nas lojas de discos ou de instrumentos musicais da capital.

Dentre os compositores da época destacavam-se Lamartine Babo, Mário Lago, Carvalhinho, Herivelto Martins, Paulo Gracindo, Klecius Caldas e Armando Cavalcanti. Entre os cantores eram famosos os nomes de Jamelão, Francisco Carlos, Zé Ketli, Emilinha Borba, Linda e Dircinha Batista, Dalva de Oliveira, Izaurinha Garcia, Iraci de Almeida, Marlene, Jackson do Pandeiro, Ângela Maria e Carmen Costa.

O carnaval vianense de rua, nesse período, já contava com a participação de blocos organizados, representando os bairros mais populosos da cidade. Cada bloco tinha um modelo único de fantasia (adaptado ao modelo masculino e feminino, naturalmente) e normalmente confeccionada de seda. A bateria ficava a cargo de todos. Às vezes, os blocos levavam nomes de famosas escolas de samba do Rio de Janeiro, como Turma de Manqueira ou Unidos do Salgueiro, por exemplo. O encontro desses blocos acontecia na terça-feira de carnaval e tinha por palco a Praça 8 de Julho. O encontro era literalmente: um bloco vinha ao encontro do outro numa daquelas ruas estreitas que margeiam a pequena praça. Ganhava aquele que não perdesse o ritmo de sua bateria. E assim, por eliminação, disputavam o primeiro lugar os

dois últimos finalistas.

Já o chamado carnaval de clube primava mais pelo requinte e organização. As casas escolhidas para sediar os bailes eram enfeitadas com máscaras, bandeirolas e outros adornos carnavalescos. O clube mais popular da cidade tinha por sede o atual prédio do Centro de Ensino Antônio Lopes e denominava-se "Gruta de Satã" (quando menino, eu ficava assustado com aquele nome e a figura do diabo, pintada em cores berrantes em fundo de papelão, que guarnecia a entrada do local). Ali, nos quatro dias de carnaval, ao som de marchinhas famosas como "Garota, você é uma gostosura/ Foi proibida pela censura..." aglomerava-se e divertia-se a elite da sociedade vianense. No domingo, só havia vespéral, que começava às 15 e terminava às 22 horas (onde as crianças podiam participar até às 20 horas).

Como nas décadas de 1950/1960, em Viana, o panorama do preconceito racial continuasse acirrado, além da "Gruta de Satã" haviam outros clubes improvisados, onde se realizavam os bailes dos caboclinhos, dos mulatinhos e das prostitutas.

Tradicionalmente, nos três fins-de-semana que antecediam os quatro dias da folia momeca, algumas casas mais espaçosas da cidade eram invadidas por foliões, comandados por um grupo de pessoas que gozavam de estreita amizade com o proprietário ou chefe daquela família. Geralmente essas casas eram previamente escolhidas para o "assalto", nome original dado a essa brincadeira característica daqueles carnavais.

Nos tempos atuais, a televisão nos mostra e nos impõe um outro tipo de carnaval diferente daquele do passado. O carnaval moderno, copiado da Bahia e realizado somente nas praças e ruas das cidades, com o seu axé e seus trios elétricos, tomou conta de quase todo o território brasileiro.

Lamento pelas novas gerações que não tiveram o prazer de usufruir um autêntico baile de carnaval. O salão apinhado de alegres foliões, as fantasias de bom gosto, o brilho das lantejoulas e paetês, as batalhas de confetes e serpentinas, o odor forte dos lança-perfumes, e – logicamente – os namoros e paixões despertados naquele clima davam uma magia especial a essas quatro noites tão ansiosamente aguardados, pela população, durante o ano inteiro.

Por tudo isso, vale a pena relembrar os antigos carnavais.



**O REI MOMO DOS CARNAVAIS VIANENSES**

Lourival Serejo

Quem ainda se lembra de Nezinho Soares (foto), com seus gritos e sua língua enrolada? Quem ainda se recorda daquele Rei Momo que animou muitos carnavais, em Viana e em Pinheiro?

Durante toda a sua vida, Nezinho dedicou um amor grandioso a duas cidades: a Pinheiro, pelo fato de ser filho natural daquela terra; e a Viana, por ter vivido, naquela cidade, parte de sua juventude em companhia do seu primo e amigo Nozoro Souza, em cuja casa tinha um quarto especial, sempre à sua espera. Ainda bem que a cidade reconheceu essa dedicação ao criador do Festival do Peixe, dando-lhe o título de cidadão vianense.

A vida de Nezinho, como se diz em linguagem popular, daria um romance, tão cheia que foi de aventuras, amores, estripulias e empreendimentos.

Fiel à sua personalidade, uma de suas atividades preferidas era promover festas que trouxessem alegria ao povo. Religioso, gostava de trocar imagens e doá-las a povoados e igrejas novas. À festa de inauguração da imagem, ele estava presente, para acompanhar a procissão e organizar o foguetório. A última festa que promoveu, em Viana, foi a Festa do Galo, que continua sendo comemorada.

Manoel Alexandre de Sousa Soares, como se chamava, foi durante toda a sua vida corretor de seguros e um jornalista atuante, tendo se dedicado mais ao jornal *Cidade de Pinheiro*. Por fim, fundou seu próprio jornal, o *Jornal dos Municípios*. Para desenvolver seus projetos sociais, fundou a Associação Nezinho Soares, com sede no povoado de Pindorama, em Santa Helena, onde promoveu várias atividades de fundo cultural e recreativo. Em sua diversidade de atuação, chegou a ser candidato a vice-prefeito de Pinheiro, pelo PSP e PR, em 1960 e por duas vezes dirigiu o Grémio Cultural e Recreativo Pinheirense. Em um momento de inusitada inspiração, quando dirigia o jornal *Cidade de Pinheiro*, resolveu outorgar-se o título de Capitão, passando a chamar-se Capitão Nezinho Soares.

Para ilustrar mais suas atividades, contou-me ele que um dia chegou a Guimarães, onde se realizaria um júri popular. Por qualquer motivo o réu estava sem defensor, tendo o Dr. José Maria Marques lhe designado para funcionar como defensor dativo, ao que ele prontamente aceitou, fazendo uma defesa exagerada com todo o espalhafato que lhe era peculiar, resultando na absolvição do réu.

Era pelo carnaval, entretanto, que toda a personalidade de Nezinho Soares se expandia. Com a autoridade que ele mesmo se investia, como Rei Momo, muitos carnavais ele incentivou com sua presença, tanto em Pinheiro como em Viana. Quando esta cidade tinha o privilégio de receber o monarca em seu carnaval, havia todo um ritual de apresentação. Seus paramentos eram ricamente preparados, com destaque para a coroa bem trabalhada e o cetro que marcava sua autoridade.

O Rei Momo saía lá de casa, acompanhado pelos seus súditos e por vários músicos, iluminados por dois petromax, até o Grémio Cultural e Recreativo Vianense, onde era recebido com todas as honras, geralmente ao som da marcha carnavalesca que tinha este estribilho: a coroa do rei não é de ouro nem de prata, eu também já usei e sei que ela é de lata. Por volta da meia-noite, ele saía para visitar os outros clubes e auferir as vantagens do seu efêmero reinado.

Neste carnaval do ano de dois mil e sete, fica esta minha homenagem ao Capitão Nezinho Soares, pelas alegrias que proporcionou a muita gente, vianenses e pinheirenses; pelos carnavais que animou; e pela saudade que deixou no coração de muitos foliões e súditos como o eterno Rei da Folia.